

Outonos

Evanise Gonçalves Bossle



Outonos

Evanise Gonçalves Bossle



© by Evanise Gonçalves Bossle

Direitos autorais reservados

Revisão: Márcia Werlang

Editoração eletrônica: Catiéle Goulart

Capa: Catiéle Goulart com imagem do arquivo pessoal da autora - Foto do Lago São Bernardo em São Francisco de Paula/RS

Arquivo digitado e corrigido pela autora, com revisão final da mesma, autorizando a impressão da obra.

Editor: Rossyr Berny

Contato com a autora: evanisegoncalves@hotmail.com;

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:
www.youtube.com e procure por *Editora Alcance*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B745o Bossle, Evanise Gonçalves.

Outonos / Evanise Gonçalves Bossle. - Porto Alegre :

Alcance, 2014.

80 p.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

CDD: 869.937

Bibliotecária: Simone da Rocha Bittencourt – 10/1171

ISBN: 978-85-67248-19-6



35 anos de Alcance

Prêmio Jabuti

 (51) 98535 3970 / 3268 7803

 EditAlcance

 rossyr@editoraalcance.com.br

 www.editoraalcance.com.br

 Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540

Apresentação

Evanise Gonçalves Bossle não é um nome desconhecido na cultura gaúcha, sobretudo do Litoral Norte. Seja pelos seus escritos – e ela tem participação em várias antologias – seja pela cadeira que ocupa na Academia de Escritores do Litoral Norte, ou ainda pelos destaques conquistados em concursos literários regionais e nacionais. Recebeu “Menção Honrosa” no V Concurso Nacional de Contos. Recebeu diploma na categoria “Destaque” no XIX Concurso Nacional de Poesias, promovido pela revista Brasília (1998) e na categoria “Destaque Especial” para a Composição de Texto, na Olimpíada Cultural 500 Anos de Língua Portuguesa no Brasil (1999). Além disso, foi Patrona da 3ª Feira do Livro de Inverno em Tramandaí, realizada durante a 23ª Festa Nacional do Peixe, de 29 de junho a 22 de julho de 2012.

Trata-se, portanto, de uma autora premiada, uma criadora de pequenos mundos, de personagens vivos, de situações inquietantemente verdadeiras.

Seu talento como poeta já tem sido reconhecido. E agora, com um talento multifacetado, Evanise nos brinda com *Otonos*, um conjunto de contos.

São narrativas curtas e envolventes, colocando a nossa frente personagens com que nos deparamos cotidianamente e que, se para a maioria das pessoas passam despercebidos, são captadas com sensibilidade pela lente da escritora. É assim nos minicontos que inauguram o livro, quando o Eu procura-se no espelho e não se reconhece e não encontra saída. É assim com Ana – personagem recorrente em vários contos – e sua gravidez. É assim com o menino do conto “Emissário da paz”.

Com uma construção simples (e aí, por ventura, sua grande qualidade) e com um estilo em que muitas vezes aflora o poético, a autora recorre à sensibilidade para a composição da cena e das personagens, assediando estreitamente a realidade psicológica que desvenda. Nessas inquietações, nessa expressão da realidade humana nos seus aspectos mais profundos, há uma menina que se transforma em mulher, mas ainda assim, se os seres permanecem estranhos um ao outro e, sobretudo, protegidos de si e do outro, com ela não é diferente.

Se em alguns contos os cenários são o litoral e a escola (mesmo que apenas referidos), em outros, a exterioridade cede seu lugar às sensações, à imaginação, às recordações, aos sentimentos, dando outra dimensão ao tempo... “Já fazia muito tempo, e o tempo não se conta pelos dias comuns, e sim pelas sensações e sentimentos que atravessam a vida.” (Um dia de agosto).

Essa apreensão do tempo abre as portas para as narrativas de memória, como a infância em “Pôr do sol inesquecível”, ou “Crescer dói”, e “Meu pé de goiaba branca”; ou, ainda, “Fatos e Lembranças”, onde diz: “Aquela garota, conseguira emocionar-me, pelo seu empenho como atriz, pela veracidade de emoções e porque ali, através da representação da dor daquela mãe, ela estava expondo e vencendo a sua própria dor, e, com ela, a minha”.

Não se pense, entretanto, que haja pessimismo em Outonos. Os finais, sempre surpreendentes, como requer a melhor narrativa, trazem consigo a esperança de melhores dias para as gentes simples, distantes das grandes zonas urbanas. “E nós, aqui na terra, minha goiabeira e eu, continuamos vivendo e esse ano teremos mais goiabas maduras, para a diversão dos passarinhos, esparramadas pelo chão.”. (“Meu pé de goiaba branca”)

Mas não esqueçamos nós, os leitores, do já referido talento multifacetado de Evanise. Impressiona a habilidade com que ela transita dos textos de feição subjetiva para os de suspense. A autora consegue nos segurar e tirar nosso fôlego em “Nº172”, “Abdução” e “Vestígio de conflito”; e no conto de aventura, com sua narração: “...sobre um prédio em ruínas, armada de metralhadora em punho e vestia um fardamento verde-escuro, eu suava e tremia.” (...) “Nesse momento, ouvi algo que pareciam trovões: eram rajadas de metralhadoras. Vi vultos correndo na escuridão; o céu se iluminava em pontos isolados pelos fogos de artilharia; levantei-me, ajustei a metralhadora em minhas mãos e corri...”

Na verdade, nós somos suas personagens, o que somos está em Outonos, revestido por uma ótica pessoal. É a autora, como no conto intitulado “A professora”, que “deu de ficar observando” as pessoas próximas e distantes, reais e irreais, até porque é disso feita a literatura.

É a forma como **Evanise Gonçalves Bossle** empresta ao seu texto o valor das tensões vivas.

Jane Tutikian

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora na mesma universidade, diretora do Instituto de Letras da UFRGS, autora de mais de uma dezena de livros dirigidos ao leitor adulto e infanto-juvenil. Foi patrona da 57ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre de 2011.

Índice

| | |
|------------------------------------|----|
| Destino | 11 |
| Lágrima arrependida | 12 |
| Um dia de agosto | 15 |
| Ana recebe uma carta anônima | 17 |
| A Ponte..... | 20 |
| Abdução | 22 |
| Relatos de uma exótica viagem..... | 25 |
| Emissário da Paz | 30 |
| Fatos e lembranças..... | 32 |
| Meu pé de goiaba branca | 35 |
| Nº 172 | 37 |
| Rebeca..... | 44 |
| Ventos ímpares | 46 |
| Vestígio de conflito | 48 |
| A Professora | 53 |
| A rotina e o tempo..... | 56 |
| Crescer dói | 58 |
| Pesadelo | 61 |
| Pôr do sol inesquecível | 65 |
| Noite Fria | 67 |
| O Doutor | 69 |
| Incoerente..... | 73 |
| Pedaços de Vida | 76 |



Fiquei caminhando entre as paredes externas do labirinto de espelhos. Não queria entrar, pois temia; eu sabia, e dizia aos outros, que quem entrasse não conseguiria sair facilmente. Mesmo assim, perambulei ao redor do labirinto por um longo tempo até que, sem pensar racionalmente, encontrei uma porta e entrei...

Naquele momento percebi que estava sozinha, sem poder sair. Girava interminável e enlouquecidamente de espelho a espelho sem encontrar a saída. Para cada lado que virava, a cada porta que abria, encontrava meus olhos aflitos, minha face desesperada. A razão invadia-me e deixava-me em questão de segundos. Senti-me perdida, abandonada, morta e enterrada no “labirinto de espelhos”.



Lágrima arrependida

12

Quando o médico disse que aquela súbita vontade de fazer xixi a toda hora e aquelas cólicas eram sintomas de uma gravidez, Ana quase desmaiou. Ela marcara uma hora no seu ginecologista para falar desses sintomas que para ela eram novos. Durante as aulas de *aero jump*, saía diversas vezes para ir ao banheiro, até a professora percebera. Na última aula, Ana não conseguira participar, a cada pulo na cama elástica, corria para fazer xixi. Não podia acreditar, sempre tomara cuidados excessivos até, às vezes quando achava que esquecera alguma pílula, tomava uma mistura de chás que as amigas diziam ser ótima para fazer descer a menstruação. O médico a parabenizou, e disse que estava grávida de cinco semanas, mas pediu-lhe vários exames para saber como estava sua saúde e pediu que comparecesse dali a trinta dias para nova consulta. Ana estava tonta, não ouvira sequer uma palavra do que o médico lhe dissera, sua cabeça girava. Saiu do consultório, sentou-se na primeira cadeira que viu de um barzinho próximo e ligou para o namorado.



Evânise Gonçalves Bossle

Pedi que ele viesse buscá-la, pois estava passando mal e não conseguiria pegar o ônibus. Ele sempre prestativo e muito preocupado, chegara logo e a levava para casa. Ana morava com os pais. Logo que o namorado saiu, atirou-se na cama e chorou. Até então não sentira enjoos, mas a partir daquele momento correu diversas vezes ao banheiro para vomitar. Não teve coragem de falar ao namorado, nem a mãe. Chorou até pegar no sono. Dormiu o resto da tarde. À noite acordou, tomou um copo de leite e voltou a deitar. Não estava nos seus planos, ainda estava cursando a faculdade, nem estava pensando em casar, queria terminar a faculdade e continuar estudando, fazer a pós-graduação, mestrado, doutorado... Mas já não era uma criança, estava na idade certa para ter um bebê, tinha 27 anos, uma profissão, um namorado amoroso. Levantou-se da cama e foi até a cozinha preparar um chá, um daqueles que as amigas ensinaram para as horas difíceis, muito forte. Colocou o chá na xícara e ficou mexendo com a colher até esfriar. Era a hora da decisão, depois de beber o chá não poderia voltar atrás. Não haveria problema, ninguém sabia de nada, além do médico. Apenas uma indisposição mais forte, ela sempre tinha crises de cólicas e dores de cabeça durante a TPM, a mãe sabia, desde pequena sofria com hemorragias fortes, aos catorze anos até precisara de medicação, pois tivera uma anemia muito profunda em decorrência de uma hemorragia. Não seria difícil convencer a todos de que era mais uma daquelas crises. A decisão era somente sua,



mas e depois, se algo corresse errado, se tivesse que ir para o hospital, fazer exames... e se tivesse problemas, jamais poderia engravidar novamente. Começou a soluçar, as lágrimas escorrendo pelo rosto e caindo sobre a xícara. Eram lágrimas arrependidas. Não teve coragem. A xícara escorregou de sua mão e caiu, cacos sobre o piso da cozinha. Barulho, gente levantando, descendo escadas, mãe, irmãos. Hora da verdade. Sim, estava grávida, e teria o bebê.



Um dia de agosto

Ana acordou cedo, seis e quinze, poderia dormir até mais tarde, era sábado de um dia nublado e frio de agosto, mas acordou e sabia que perderia tempo tentando recobrar o sono perdido. Levantou-se, lavou o rosto e ainda de pijama bordô com desenho de um pinguim de guarda-chuva, afastou a cortina pesada cor de vinho e abriu a janela do quarto. Um vento frio a fez fechar o vidro, mas permaneceu por longo tempo debruçada ali, rosto entre as mãos frias e chorou, chorou vendo as pétalas do copo de leite que renascera lutando com frio daquele inverno, chorou olhando seu pinheiro que ilustrava a frente da casa. Chorou... Já fazia muito tempo, e o tempo não se conta pelos dias comuns, e sim pelas sensações e sentimentos que atravessam a vida. Já fazia tempo, quatro anos, mas a saudade ainda fazia sofrer, a ausência de seu pai ainda causava tristeza. Ele se fora em um dia frio e nublado como aquele de um mês de agosto que ficara gravado em sua mente e em seu coração. Mas era um novo dia, então Ana enxugou as lágrimas e ainda



vislumbrando a mesma paisagem de folhas pelo chão e pingos grossos de chuva que começavam a cair, viu um bem-te-vi sobre um galho do pinheiro que cantou alegremente e logo alçou voo. Talvez fosse um sinal divino de que a vida continuava, apesar da saudade. Ana espreguiçou-se e encaminhou-se para a cozinha. Tomaria o seu café matinal assistindo ao Bom Dia Rio Grande.



Ana recebe uma carta anônima

Segunda-feira, correria, está cedo, 7h, só o tempo de tomar um café bebido e correr para a parada de ônibus. Ana tem 27 anos, solteira, mora com os pais, é professora de Ensino Fundamental numa escola de periferia, sai diariamente às 7h5min, caminha até a parada de ônibus a 500 metros de sua casa e espera o ônibus que sempre passa às 7h10 ou 7h15min, é um escolar velho, com poltronas rasgadas que cheiram a umidade e suor, ele vai parando nas paradas para pegar os alunos, são 40 minutos de viagem até a escola.

Mas hoje é um dia atípico, Ana toma o café bebido puro e sem açúcar e sai. Antes abre a caixa de correspondência, por hábito mesmo, porque ninguém deixaria carta ali no domingo, mas uma surpresa, nesta manhã há uma carta. Ana pega rapidamente e a coloca dentro da bolsa, para ler no ônibus escolar e corre para a parada. O ônibus chega, Ana senta-se logo atrás do banco do motorista, ali é o melhor lugar, pois os alunos vão entrando e em poucos minutos o escolar está lotado



e barulhento. Agora sim, tem tempo para ler a carta, mesmo com aquela algazarra Ana consegue se concentrar, acostumou-se a ler durante o percurso, já faz seis anos que ela está trabalhando na mesma escola, e todo dia pega o mesmo escolar. Abre a bolsa preta, é uma bolsa grande onde guarda os cadernos e diários de classe, além de folhas e o estojo de canetas. Ana pega a carta, sem muito interesse. Mas alguma coisa está errada, só consta o nome do destinatário, não há indicação de remetente, nem CEP de origem. Ela rasga o envelope e desdobra a folha de ofício branca, estranha, mas lê lentamente, é um tipo de mapa astral, primeiro, suas características pessoais, detalhes sobre seu signo, escorpião, grande criatividade, emocional, passional, intimista, religiosa, orgulhosa, entre outras características conhecidas desse signo, depois viaja por estações mais íntimas do inconsciente, ou seja, conta detalhes de uma outra vida, cigana espanhola do século XIX, de muitos amores e rebeldias. Só mesmo uma carta anônima faria com que Ana lesse tal texto, religiosa, evangélica, ela não lê nada relativo a reencarnações e nem mesmo acredita em horóscopo, mas a carta a intriga. Quem poderia ter enviado esse tipo de correspondência? Talvez uma colega de escola, às vezes Ana escutava muitas conversas sobre espiritismo, reencarnação, outras vidas, estudos sobre regressão, mas não participava desses diálogos calorosos e tampouco se interessava, algumas amigas até diziam que ela deveria conhecer mais sobre esses assuntos, visto que Ana era



muito ansiosa e tímida e algumas amigas diziam que deveria ser algum carma de outra vida. Não saberia no momento quem escrevera tal carta, nem perderia tempo pensando nisso. Guarda a carta na bolsa, o escolar já está chegando à escola, mais um dia de trabalho. Pensaria nisso mais tarde.



A Ponte

A noite surgia lentamente, o céu já não tinha a cor do mar. Escurecia. O sol escondia-se sob o manto negro da noite.

20

Os caminhões estavam ali parados, próximos da ponte. Eram uns três ou quatro, com cargas diversas, entre melancias e redes de dormir. Alguns homens dormiam, outros pescavam com tarrafas de vários tamanhos sob a ponte.

Então, junto à noite, aproximou-se da ponte, como que trazido nos próprios braços da bruma, um homem surgido não se sabe de onde, aparentando ser de meia idade, simplesmente vestido semelhante aos pescadores, tão semelhante a esses, que ninguém percebeu sua chegada. Poderia já estar ali há bastante tempo. Sua fisionomia era grave. Apesar da escuridão que tomava conta do céu, podia-se visualizar seu semblante sério, pensativo, quieto.

Alguns homens cruzaram seu caminho, um chegou a sorrir-lhe, amistoso, porém o estranho não percebeu,



ou não quis retribuir o cumprimento. Pôs-se a andar, vagarosamente, em direção ao parapeito da ponte. Aproximou-se do ponto onde o rio era mais fundo e, sempre silencioso, subiu no parapeito. Era estranho, mas ninguém viu, ou se viram, não entenderam a irrefutável intenção do homem sobre a ponte, que olhava como que hipnotizado pelas ondas negras. Elas o chamavam... Como sereias cantoras, elas ansiavam por tê-lo consigo. O homem, então, se desprende do que o prendia à vida e jogou-se, silencioso, nas águas. Alguns pescadores mais atentos ouviram o baque – o som do homem chocando-se com as ondas – mas nada puderam fazer.

Dois dias depois, encontraram o corpo boiando na margem oposta. Um corpo sem nome e sem história, apenas um corpo morto.



Abdução

É noite de uns vinte, ou vinte e um de junho qualquer. Mas já é tarde, duas horas da manhã. Eu durmo em meu quarto, quando ouço um som estranhamente “azul”: são harpas, violoncelos, tambores e teclados. Levanto-me com meu pijama da Hello Kit, branco, e abro a porta da sacada do 5º andar. Dali vem o som “azulado”. Dali vem uma estranha fumaça triangular, e dela sai uma pequena escada toda prata. Não penso, é parte de um sonho talvez... Então, simplesmente subo a escada e vejo-me no interior da fumaça, também prata.

O som harmonioso, de um tom de azul turquesa, é calmo, mas nitidamente mais forte ali dentro. Não há ninguém, apenas uma luz forte no centro do triângulo. Sinto um movimento semelhante ao movimento de um elevador quando sai do térreo em direção ao 18º andar. Não há outro som além do azul de harpas, violoncelos, tambores e teclados.

Outro movimento suave... Parece-me ainda um elevador parando. Desço do triângulo prata pela mesma



escada. Agora, o que vejo é estranho e peculiar: uma porta altíssima de igreja medieval; ultrapasso-a, e mais outra... e mais outra... (sucessivas portas metálicas, amarelas reluzentes). Há, entre elas, inúmeros raios de sol que vêm de um lugar ainda mais alto que as inúmeras portas. São raios de uma luz muito forte que fere a visão. Esses raios de luz chocam-se com o solo, que é também de um amarelo vibrante. Não consigo visualizar o interior dos portais, pois a luz intensa impede-me. Agora, sim, parece que ultrapasso a última abertura. Há um salão oval, também amarelo, muito amarelo. O som, aqui, já não é azul, é todo metal, não há mais cordas, embora também seja um metal suave. Parece-me que o que cria o som são meus próprios passos no solo. Aqui vejo seres – pela primeira vez, depois da sacada – são três homens de longas batas prateadas. Não possuem cabelos, mas são o que poderíamos classificar de belos homens, não magros, fortes. Parecem irmãos, tamanha semelhança... talvez pela careca reluzente e pela bata. Estão de pés descalços, mas não visualizo todo o pé, porque a bata toca o chão. Estão sérios, mas de uma seriedade acolhedora, parecem conhecerem-me a muito, mas nunca os vi. Não há palavras; nem eu tenho nada a perguntar, parece-me que sei a resposta. As informações apenas chegam a meu cérebro, como se eu estivesse em silêncio, lendo um livro.

Sei do que se trata. Agora um deles se aproxima, toca-me os cabelos, meus longos cabelos cacheados da cor daquele solo. Seu toque é suave... Sinto sono... muito



sono... um sono incontrolável... sinto-me desfalecer em seus braços. Outra vez o som azul, mas agora o som está indo embora. A luz da fumaça prata vai embora. Agora permanece o sono na cama do 5º andar.



Relatos de uma exótica viagem

Aissa Lacamoth encontra um grupo de amigos em Lathan das Pedras Altas. O grupo resolve viajar para o pequeno povoado de Saifargotof onde tudo pode acontecer. Aissa esperou o ano inteiro, ansiosa pela viagem a Lathan das Pedras Altas, antigo vilarejo próximo a Casablanca, no Marrocos. Optou por se instalar em um pequeno hotel ali mesmo, pois o preço da hospedagem era bem menor que em Casablanca, conhecida cidade turística da região. A viagem fora preparada por Aissa e sua prima Lila com muita antecedência. Cada passeio e cada roteiro foram minuciosamente escolhidos por elas em exaustiva pesquisa pela internet, para que nada desse errado. Mas já na primeira noite, lutaram contra os mosquitos, que, mesmo com repelentes e inseticidas, persistiam em permanecer no quarto do hotel. Sem falar no cheiro de estrume de vaca que vinha do barracão próximo. No dia seguinte, foram de ônibus local até Casablanca e lá tiveram um dia de contos de fadas com a visita ao principal ponto turístico e de peregrinação: a imponente Mesquita Hassan II, localizada à beira-mar.



O que as impressionou deveras foi o fato de lá não haver vasos sanitários nos banheiros, apenas buracos no chão. Também fizeram uma longa caminhada pelo calçadão, notando que as mulheres locais, mesmo com aquele calor infernal, caminhavam pela beira-mar, com longos vestidos e véus na cabeça, cobrindo seus cabelos escuros. Havia muitos e variados restaurantes, cardápios das mais variadas nacionalidades, mas Lila optou por ir ao McDonald's mais próximo, pois já havia adoecido algumas vezes, em suas andanças pelo mundo, ao provar pratos exóticos, o que a fez ser mais cautelosa no quesito iguarias locais. Impossível não encontrar ocidentais em um McDonald's em Casablanca, então Aissa encontra, ali, um grupo de cinco amigos do Rio de Janeiro, estudantes de arquitetura que estavam a passeio e a estudo, fazendo uma pesquisa sobre a arquitetura local.

O grupo era composto de três rapazes de idade entre vinte três e trinta anos, e duas garotas entre vinte e cinco e vinte e oito anos. O grupo pretendia viajar para o pequeno povoado de Saifargotof, a pretexto das construções antigas. Aissa não tinha a menor vontade de sair de seu roteiro pré-estabelecido, que teria como próxima parada Marrakech. Mas depois de muita insistência de Lila, resolveu, a contragosto, acompanhá-los, pois, segundo a prima, seria muito mais divertido. Voltaram ao hotel, fizeram uma pequena mochila com roupas e a nécessaire com produtos de higiene e beleza, deixando a bagagem no hotel porque, segundo elas, voltariam na noite seguinte, e de lá, seguiriam para Marrakech.



O grupo as estava esperando no ponto de ônibus combinado. De lá, pegaram o ônibus em meio a galinhas, gaiolas de pássaros raros e muito barulho de crianças e adultos conversando ao mesmo tempo, em diversos idiomas. Foram, aproximadamente, duas horas e meia até o pequeno povoado de Saifargotof, por uma péssima estrada de chão batido e muita poeira. Chegaram a uma pousada, que parecia perdida no tempo, tirada de algum filme de contos do oriente. Era um tipo de acampamento todo revestido de tapete: paredes de tapete, teto de tapete, chão de tapete... Mas o melhor era que ali havia quartos com banheiro e ducha. Uma pousada cinco estrelas no meio do deserto, incrível! Depois de se banharem e tirarem a poeira do corpo, foram até o restaurante, sendo recepcionados por fogueira, vinho, cuscuz com ensopado de legumes, grão de bico e carne de cordeiro, além de outras iguarias locais – de comer com as mãos e lamber os dedos, enquanto assistiam a uma apresentação de dança local. Lila, claro, ficou apenas com o ensopado de legumes. Depois de muito vinho, riso e danças, resolveram sair a caminhar pelas redondezas. Havia, ali, algumas construções com arquitetura rica em detalhes que impressionaram os visitantes. Percebia-se o clima de romance no ar... Lila estava interessada em um dos amigos do grupo, o John – João, quando voltarem ao Rio – o mais velho do grupo, solteiro, mas pai de dois meninos, o que para Aissa renunciava encrenca, pois Lila sempre fora muito ciumenta; não tinha o perfil de disputar a atenção do namorado com dois pré-adolescentes. Mas ali tudo era mágico, e... problemas? Somente depois



de retornarem destas férias no Marrocos! Parecia que o vinho formara casais, isso é mesmo bem comum, em meio àquela exótica paisagem. As garotas já estavam abraçadas, cada uma com seu garoto. Saíram, então, cada casal por um caminho, entre as mesquitas e as lojas de tapetes, e inúmeros lenços e véus que ficavam estendidos em varais. Era muito fácil perder-se naquelas alamedas semiescuras. E foi o que aconteceu: de repente, Aissa viu-se sozinha em um ambiente desconhecido.

A noite caía rapidamente. Apenas alguns lampiões iluminavam as tendas onde os mercadores estavam recolhendo as mercadorias e fechando tudo para o próximo dia. De repente, tudo pareceu amedrontador e obscuro... Para que lado era a pousada? Táxi, nem pensar, não havia nenhum, parecia que a cada passo mais ela se distanciava do caminho certo. Entrou, então, em uma casa noturna, mas deteve-se quando percebeu tratar-se de uma casa de prostituição. Saiu logo, quase correndo. Continuou caminhando e se culpando por ter seguido o grupo ao invés de ir até Marrakech, como estava previsto. Tentou ligar para o número de Lila no celular; nada, estava fora de área ou temporariamente desligado; por certo estavam divertindo-se a dois.

Andou nervosamente até um lago com chafariz em mosaico de tons verde e azul. Lançou dentro da água uma moeda local, não sem antes fazer um pedido, que voltasse em segurança ao seu pequeno apartamento na Zona Sul do Rio de Janeiro. Pensou no seu ex-marido que agora estaria jogando seu futebol típico das sextas-feiras em



companhia dos amigos da imobiliária, ou talvez estivesse em companhia daquela que fora a causa do ciúme, das dúvidas, dos desentendimentos e, por fim, da separação. Lembrou-se dos filhos: um menino de dez e outro de doze anos, que ficaram com a avó paterna durante estes seus dias da viagem... vinte dias de férias que Aissa tirara para conhecer Marrocos e repensar sua vida. Estava tão agitada com a visita a Marrocos que, por um tempo, até esquecer-se dos filhos, mas agora que estava sozinha e perdida em um povoado estranho, lágrimas rolaram quentes de saudades dos seus garotos.

Caminhou durante algum tempo e sentou-se em uma escadaria estreita... até que adormeceu. Agora estava em meio ao deserto e um lenço colorido cobria-lhe o corpo nu. Já era dia, o sol era intenso e quase desfalecia de sede e insolação... Eis que surge um cavaleiro montado em um lindo alazão, um homem alto e moreno, com belos olhos negros, tinha um turbante na cabeça e vestia uma roupa azul escura. Antes que Aissa Lacamoth pudesse ter alguma reação, ele desmontou rapidamente e a tomou nos braços, levando-a em seguida até seu cavalo; então galoparam pelo deserto escaldante até um oásis.

Desceram do cavalo e, quase sem forças, ouviu chamarem seu nome ao longe... “Aissa!!! Aissa!!! Você está bem?” Então acordou. Era Lila e o namorado que a despertavam de tão lindo sonho de amor. Agora estava tudo bem. Retornaram à pousada para que Aissa curasse o seu porre de vinho tinto seco.



Emissário da Paz

Falar sobre paz parece fácil, mas não é: ou caímos em lugar comum proclamando a união entre os povos, a comunhão entre raças, credos e culturas, ou realizamos algo mais prático como passeatas e protestos (e aí pode acabar em guerra). Por isso, resolvi ser mais concisa, menos pragmática, e falar sobre um pequeno fato que nos leva a imaginar, não um mundo, mas um minúsculo espaço em nossos corações, um lugar para sonhar e criar uma utopia sobre a paz.

Aconteceu há poucos dias, numa noite comum de um outono frio, num sábado, ou melhor, num domingo, num bar. Estávamos eu e um amigo, conversando sem muito ânimo sobre os dramas pessoais de cada um, enquanto esperávamos o lanche que havíamos pedido, quando apareceu um pequeno garoto, de uns oito anos aparentemente. Estava com uma camiseta branca e uma calça de abrigo. Embora estivesse pouco vestido para uma noite fria como aquela, parecia ternamente aquecido. Lançando-nos um sorriso, chegou e, sem pedir licença, foi dizendo:



– Tio, vou fazer uma mágica.

E antes de qualquer reação ou palavra, fez um pequeno pedaço de papel desaparecer em sua mão. Não havia grande dificuldade na aparente mágica, era um truque muito comum, mas havia uma energia e um brilho nos seus olhos que nos hipnotizava. Há poucos minutos, estávamos entediados e tristes com a vida, e ali, naquela hora, voltávamos a sorrir, e, por segundos, esquecemos nossos dramas para contemplá-lo e ouvi-lo. Pediu-nos uma moeda e, feliz, saiu correndo. Tínhamos esquecido qual o assunto que ele interrompera, o qual, agora, parecia banal. Cheguei a comentar algo sobre a simpatia do garoto, quando percebemos que ele voltara e pegara um guardanapo de uma mesa vazia. Meu amigo então fez um gracejo sobre que mágica faria desta vez com o outro casal em outra mesa, mas antes que pudéssemos contar os minutos passados, ele me entregou uma rosa feita com o guardanapo que pegara; não esperou minha resposta e saiu correndo e pulando, sempre com aquele sorriso encantado. Não tive reação, apenas enxuguei um esboço de lágrima que teimava em despontar em meu olho direito. Aquele gesto, sim, valia mais que uma passeata ou um protesto sobre direitos humanos e paz.



Fatos e lembranças

No início de 1999 perdi um aluno da sétima série que havia se afogado no rio. Foi em um dos primeiros dias de aula, o que causou grande tristeza em toda a comunidade escolar, por se tratar de um jovem muito amigo e querido de todos. A irmã dele, estudante da sexta série, ficou mais de um mês sem comparecer às aulas. Como era de se esperar, achávamos, tanto os professores, quanto os alunos, que ela desistiria do ano letivo; porém, para surpresa nossa, ela retornou à sala de aula. Surpresa maior tivemos quando ela se mostrou estranhamente alegre.

Durante as aulas, ela dava gritos ou risadas nervosas. Eu chamava a sua atenção calmamente, mas sentia dificuldades em repreendê-la, pois, de certo modo, entendia suas atitudes. Também eu perdera um irmão quando criança, e levara muito tempo para conviver com aquela perda, embora minha reação tenha sido a de fechar-me como uma ostra, silenciosa e triste. Mas, voltando à garota, observei que ela não prestava atenção às explicações, nem realizava as tarefas solicitadas,



consequência disso foram as notas baixas que obtive nos dois primeiros trimestres. Tive que chamá-la para o reforço (estudos paralelos em turno inverso) na disciplina de Português. Também nesses estudos, ela ria e brincava, mas desenvolvia relativamente bem as tarefas. Às vezes, falava em morte num sentido amplo, falava sobre noticiários da tevê, mas nunca falava sobre a morte do seu único irmão. Eu não fazia perguntas, pois ao tocar naquela dor, tocaria na minha. Num desses estudos, em que eu falava sobre a importância da leitura, ela disse que não gostava de ler, mas que o irmão sim, ele tinha alguns livros. Parou alguns segundos de falar, respirou fundo, depois disse que os livros agora iriam “apodrecer”. Apesar da expressão utilizada para referir-se aos livros, notei certo tom de elogio ao irmão, ao mesmo tempo em que sentia pesar. Foi a única vez que me falou dele.

No mês de agosto, porém, os professores de história realizaram uma gincana cultural, englobando os conteúdos trabalhados, e um deles em especial era sobre o período de escravidão no Brasil. A sexta série, da qual fazia parte a menina em questão, pediu meu auxílio na pesquisa do tema, então, eu emprestei uma antologia de Castro Alves, mas deixei que a turma escolhesse o poema que seria encenado para as outras turmas.

No dia em que a turma foi apresentar a “*Tragédia no Lar*”, deparei-me com aquela menina, mulata de pés descalços, cabelos presos em vários coques, saia longa e escura e blusa de um bege claro, que segurava em seus



braços um bonequinho enrolado. Ela ria e brincava, mas na hora da apresentação, emocionou a todos na plateia ao declamar os versos de Castro Alves com muita desenvoltura, sem titubear, sem trocar palavras. Nítidos versos, palavras tocantes, linguagem difícil e rebuscada para a garotada de hoje; mas ela, em claro tom, ia falando, gritando, gesticulando e implorando, vestida por inteiro daquela personagem: *“Infeliz mãe que, na senzala, chora e pede pelo filho recém-nascido que será vendido pelo senhor de engenho. Infeliz mãe, que ora ouve imóvel as falas do patrão, ora em prantos geme, atirando-se aos pés dos mercadores de escravos que vão levar seu filho. A mãe que diz ser melhor que a matem, que lhe arranquem do peito o coração, mas que não lhe roubem o filho”*. E ali, naquele chão de senzala, úmido e manchado, já não era a mãe que chorava, mas aquela garota que implorava pelo irmão. No final da cena, aplausos.

Disfarçadamente, enxuguei uma lágrima que rolava. Aquela garota conseguira emocionar-me pelo seu empenho como atriz, pela veracidade de suas emoções e porque ali, através da representação da dor daquela mãe, ela estava expondo e vencendo a sua própria dor; e com ela, a minha.



Meu pé de goiaba branca

Hoje fui regar as violetas e, pela janela, vi a minha goiabeira. É março, os frutos estão ainda verdes, pequenos, ingênuos e tristes. Daqui a algumas semanas, estarão bem maduros, cairão, e serão comida para os pássaros. Lembro que meu pai vinha aqui em casa me visitar e apanhava as goiabas com uma vara, enchia sacolas do mercado Nacional com muitas goiabas e distribuía pela vizinhança. Eu gosto de goiaba, mas como apenas duas ou três.

Ah, minha goiabeira triste! Meu pai não regressará, está morando no céu com Jesus. E agora olho os frutos – verdes ainda – e remeto-me àquele tempo feliz que não voltará; somente em minhas lembranças, que são ainda muito nítidas. Sinto o cheiro da goiaba madura, mas elas ainda estão verdes, ouço a risada alegre dos dias em que ele esteve aqui. É uma lembrança boa, mas não consigo lembrar, sem que as lágrimas rolem livres e reguem as violetas da janela.

No verão passado, quando meu luto era ainda recente, minha vizinha disse que as goiabas, cujos galhos



caíam para o lado de lá do muro entre as casas, eram colhidas por ela. Até me presenteou com uma geleia de goiaba. Naqueles dias, houve um vento forte e muitas goiabas caíram. Eu as colhi e dei uma sacola cheia delas para minha vizinha fazer mais geleia.

Hoje o dia ficou triste. Nesse mês de março, quem colherá as goiabas para distribuí-las aos vizinhos? Meu pai já não está aqui. E quem vai fazer geleia? Minha vizinha foi também, há alguns dias atrás, morar no céu com Jesus. Mas, com isso, o céu hoje deve estar mais feliz, pois lá devem ressoar as risadas alegres do meu pai e também deve ter geleia para o café da manhã dos anjos.

E nós aqui na terra, minha goiabeira e eu, continuamos vivendo e esse ano teremos mais goiabas maduras, para a diversão dos passarinhos, esparramadas pelo chão.



Quando pegamos o táxi, não sabíamos ao certo aonde iríamos. Então procurei na bolsa o pedaço de jornal contendo um anúncio de venda de imóvel, no qual constava o seguinte endereço: Av. República, nº 172. O taxista leu-o e pareceu preocupado. Perguntei se ele sabia onde ficava. Disse-me que não tinha certeza, mas que precisávamos passar pela ponte e pelo túnel. Foi o que fizemos.

A tarde caía. Já escura, assemelhava-se a um céu antes de tempestade. Alguns poucos carros circulavam nas ruas. O taxista entrou na Avenida República; seus prédios antigos, de um aspecto sujo, nos pareciam lúgubres. Era, sem dúvida, uma parte da cidade que desconhecíamos. Paramos em frente a um prédio em ruínas, de aproximadamente duzentos anos. De fato, aquele número 172 aparecia nítido, embora de um desbotado quase sepulcral.

Luísa pagou o motorista, que antes mesmo de cruzarmos o pórtico de entrada já havia sumido em seu carro silencioso. Temerosas, entramos no pátio



abandonado. Luísa bateu palmas, chamou por alguém... Nada... completo silêncio. Empurrei a porta de entrada, que cedeu ruidosamente. Entramos. Lá dentro, no saguão, um tapete verde cobria o chão escuro e velho. Retratos nas paredes remontavam um passado esquecido refletido na mistura de semblantes desconhecidos e paisagens remotas. Um candelabro, de onde vinha uma luz opala, jazia repleto de teias de aranha. Ouvimos um som estranho, o que nos assustou. Verificamos depois que era o elevador. Havia alguém lá dentro. Apertei o botão. A porta se abriu, o elevador era minúsculo, todo forrado de papel camurça, ou algo semelhante, de um vermelho desbotado, o que destoava da cor verde musgo do saguão. Pelo ranger da porta e das engrenagens, via-se que era um velho elevador, realmente velho, o que nos amedrontava deveras. Resolvemos procurar a escada. Andamos até o fundo. Não havia porta. Apenas uma parede de vitral escuro, o que dificultava a visão da parte externa do edifício. Parecia um jardim, aquilo que se via nos fundos do terreno. Olhamos em volta. Luísa falou qualquer coisa que não entendi e apontou a escadaria. Mas o estranho é que não levava para cima e sim para baixo, como se estivéssemos no último andar, ou se tratasse de um edifício subterrâneo, o que era incoerente, pois quando entramos, notamos que deveria ter no mínimo quatro andares. Ficamos paradas atônitas, resolvemos voltar e parar em frente ao elevador.



Luísa entrou, e foi com certa surpresa que me apontou o botão interno, apenas um botão, indicando um único caminho, onde se lia a palavra “desce” em letras garrafais. Entrei também no elevador, em busca de outro botão, quando, de repente, a porta se fechou fazendo um estrondo. Dei um grito estridente. O elevador se movia, estávamos descendo. Oh! Deus! O que fazer? Luísa mantinha a calma, até ria do tamanho de meu espanto. Antes mesmo de recuperar-me do susto, o elevador parou. A porta abriu... Saímos rapidamente daquela minúscula cabine forrada.

Estávamos em um corredor envidraçado. Havia inúmeras portas, mas eu apenas procurava escadas que me levassem à porta de saída daquele lugar. Ouvimos barulhos, som de vento, de porta batendo, mas não havia corrente de ar ali, na verdade estava quente, extremamente abafado, sentíamos sede. Olhei o relógio de pulso, estava parado, parara no instante em que entramos no prédio, dezoito horas e três minutos, percebi porque olhara as horas quando entráramos.

Perguntei à Luísa que horas seriam, disse-me que deixara o relógio na bolsa, e a bolsa... onde ela estava?... Só faltava essa, deixara no táxi. “Talvez o homem voltasse com a bolsa”. Foi o que ela me disse, para me fazer rir, claro que não voltaria. Já era noite. As luzes estavam acesas, reparei que ali havia lâmpadas fluorescentes, novas, que iluminavam as inúmeras salas de vidro. Era estranho, pois, como tudo ali, as salas estavam vazias.



Atravessamos algumas em busca da escadaria, já que o elevador só podia levar-nos mais para baixo. Chegamos, então, numa sala diferente das outras. Ali havia bancos... enormes bancos de mármore... e algumas estátuas nuas de anjos... parecia uma igreja... Não... Para nosso espanto, era um cemitério. Todo o edifício tratava-se de um cemitério. O que fazíamos ali? Por que nos levariam a um cemitério? Agora víamos inúmeros túmulos antigos. As mesmas fotos do saguão.

Eu quase chorava de desespero. Luísa, mais calma, ponderava, tentava entender tudo aquilo. Devia ser alguma brincadeira de mau gosto, por certo. Já era noite. E nós ali, sozinhas... sozinhas...

40

Ouvimos risos, correria... Para nosso espanto, entraram ali quatro crianças com idades entre quatro e seis anos. Chegaram correndo, sorrindo, rodando entre os bancos, numa estranha alegria. Não nos notaram ali, ou achavam muito normal. Sentei-me em um banco, um pouco aturdida. Uma menina morena veio até mim e fez menção de sentar em meu colo, estava sorrindo. Sem entender, peguei a menina no colo, perguntei seu nome, mas ela estava muito agitada, olhando para os outros que ainda corriam, seu coração batia acelerado. Depois de alguns segundos, desceu do meu colo e voltou à correria anterior. Luísa também tentou manter algum diálogo com um menino, ele parecia o mais velho de todos. Sério, respondeu às perguntas de Luísa com monossílabos ininteligíveis. Eu não conseguia ouvi-los,



tanto era o barulho que as crianças faziam. De repente, houve um estranho silêncio. As crianças pararam de correr bruscamente, e de rir. Sentaram-se em dois bancos de mármore. A menina morena voltou a sentar em meu colo. Já não sorria, nem seu coração batia fortemente, apoiou a cabeça cansada em meu ombro, parecia dormir. As outras pareciam adornar.

Luísa olhou-me sem entender. Naquele momento, senti que ela também estava nervosa. Foi até as crianças, examinou-as, estavam estranhas, pareciam doentes. Tentou acordá-las. As duas maiores sentaram no banco, de olhos arregalados, assustadas, mas não pareciam estar ali, o olhar vago, amedrontavam-nos, ambas. As outras duas dormiam, uma em meu colo, e a outra, Luísa tomou em seus braços, já apavorada. Uma luz intensa passou através de meus olhos, como que uma visão nítida. Aquelas crianças morriam, sim! Era algo no ar, algo que ainda não nos contagiara porque talvez estivéssemos ali há menos tempo, mas as crianças sentiam nitidamente aquele torpor nos membros, no cérebro, aquele sono assustador. Levantamo-nos de um átimo, cada uma com uma criança ao colo e a outra arrastada contra o corpo; elas eram quase que puxadas por nós, não atendiam ao nosso chamado, embora caminhassem e mantivessem os olhos abertos, pareciam catatônicas. Saímos daquela sala, atravessamos inúmeras portas de vidro, voltamos à saleta anterior que continha o elevador. Levei outro susto quando vi uma mulher, uma jovem aparentando



uns vinte e cinco anos, tinha o cabelo solto, liso, com os fios presos na nuca, vestia uma camisa azul celeste e uma calça jeans desbotada. Não sorria. Luísa ia dirigir-se a ela com algumas palavras de alívio e pedir ajuda, mas deteve-se, ela também tinha o olhar preso a nada, caminhava apaticamente como se não nos visse. Parecia um pesadelo! O que fazer? Se esperássemos mais para sair dali, com certeza acabaríamos como aquelas pessoas, presas a alguma coisa, prestes a morrer abandonadas naquele mausoléu de terror.

Luísa, então, numa atitude tresloucada, quebrou a vidraça que levava ao fundo do prédio, e saímos para a rua. Era noite, havia muitos túmulos naquele jardim de escuridão. O ar parecia puro, mas não sabíamos se realmente o era. A moça olhou para fora, não fez menção de sair. Não esperamos sua reação, circulamos o prédio e descobrimos uma escada que nos levou até o portão de entrada. Atravessamos apressadas. As crianças acordavam, pareciam bem. Para nossa surpresa, o taxista, encostado ao táxi, nos esperava sorridente, tendo nas mãos a bolsa de Luísa.

Quando íamos entrando no carro, as crianças se desprenderam de nós, até mesmo as que estavam em nossos colos, saíram correndo, sumiram no negro da noite. Sentimo-nos tão sozinhas, mas não poderíamos procurá-las naquela hora da noite. Pedimos ao taxista que nos levasse até a delegacia de polícia, precisávamos pedir ajuda para encontrarmos aquelas crianças. Ele nos olhou



admirado. “Que crianças?” Alegou que acabava de chegar conosco àquele endereço, e nem bem descendo do carro, já queríamos entrar e sair novamente. Olhamos para ele. Olhei para meu relógio, agora funcionando, marcando dezoito horas e quatro minutos, mas estava escuro.

Era estranho, tudo era muito estranho. Luísa bateu em meu ombro e apontou para o prédio. Que prédio? Naquele lugar, agora, só havia uma velha placa enegrecida com o nº 172. O terreno estava baldio, coberto de uma vegetação alta. Não havia nenhum prédio. Era impossível! O que significava aquilo? Entramos no carro, o motorista disse que nos levaria à delegacia, mas não queria se meter em nenhuma confusão. Pediu que não mencionássemos o nome dele. Começava a chover, uma chuva pesada e triste como o lugar em que antes tínhamos estado. Se é que estivemos mesmo lá.



Rebeca

Esta noite, Rebeca está triste, mais do que havia estado antes. Sentada à mesa do bar, aquele mesmo bar, que embora tivesse se passado tanto tempo, parecia o mesmo de dez anos atrás: velho, sujo, cheirando a fumaça de cigarro barato e a cerveja. Rebeca está inexplicavelmente deprimida – não, certamente há uma explicação...

Dormira até às quatro horas da tarde e levantara abatida, talvez doente; estendera a cama e varrera o chão, não sem antes juntar roupas, garrafas e copos espalhados. Mas, antes de sair, instintivamente, resolvera mexer em uma antiga caixa de papelão que estava sob a cama. Abrira e detivera-se a olhar as velhas e amareladas fotos, uma delas em especial: a foto de uma pequena menina loira, de olhos de mel, com um vestido sem mangas e justo, extremamente justo para uma menina inocente... A inocência que Rebeca perdera ainda tão nova. A foto, sem que ela quisesse, remetia-a a um tempo remoto e tristemente inesquecível. Rebeca lembra aquela tarde, quando os meninos saíram da escola, e em vez de irem



para casa, resolveram pagar para que ela e outras duas garotas mostrassem-lhes os seios ainda infantis... o que elas fizeram sem nenhum remorso. Rebeca lembra que sentira certo prazer quando, em cima da mesa quase podre da velha casa abandonada, atrás da escola, tirara o vestido... e apenas de calcinha, dançara meio desajeitada imitando as mulheres dos filmes que os pais viam tarde da noite. Os meninos gritavam de êxtase, embora nenhum fosse ainda um homem. Eram apenas meninos, empolgados com mais uma de suas arteirices...

Rebeca lembra, mas não chora: o destino para ela fora tão repugnante e insensível como foram todos os homens de sua vida, ou melhor, todos os homens de suas inúmeras noites.

Agora, sentada no mesmo lugar em que espera todas as noites seus fregueses, ela se embriaga para ter estômago forte e sorrir para aqueles a quem despreza... para aqueles que a enojam... para aqueles que, todas as noites, representam e personificam os meninos que a aplaudiam naquela tarde, na casa abandonada, onde Rebeca perdera a inocência e a possibilidade de um futuro de virtude e beleza.

Não, ela não pode pensar mais nisso. Tem que sorrir e beber, pois um homem se aproxima da mesa...



Ventos ímpares

Caminhando à noite, vento estranho balançando-lhe os cabelos. De repente, o inusitado, a mudança de cenário. Já não está no ano de 2001, mas em 1890... Roupa estranha, vestido de chita azul, cor de dia nublado, avental desbotado, som de carroças. Ela caminha pela mesma rua, mas não há casas, nem o portão de ferro por onde a observava todas as noites o dobermann do vizinho, tampouco a casa de tijolo à vista, onde mora. Agora tudo é estranho: o asfalto sob seus pés é terra negra, há arbustos e folhagens onde havia casas; os postes com suas pequenas placas e nomes das ruas, também desapareceram, dando lugar a outros arbustos. A noite, porém, continua a mesma... a lua cheia no céu ilumina a estrada, que parece menos clara por não haver mais postes de luz. As pastas que segurava embaixo do braço deram lugar a uma trouxa de roupas. Porém, nada é novo para ela. Não está perdida. Segue calmamente até um portão de madeira, abre a tramela, caminha por um corredor de pedras até uma casa também de pedras; mas



não entra pela frente, faz a volta, passa pelo galinheiro e entra pela porta dos fundos que está apenas encostada. Sabe onde está o lampião e o acende como se o fizesse há muito tempo. Joga a trouxa sob a cadeira de palha na qual senta e inicia o ritual costumeiro para acender o fogão à lenha. Precisa fazer o pão para o café matinal. Os patrões levantam cedo e amanhã haverá missa.

Ela não pensa, agora, sobre a mudança de cenário, por que aquilo estava acontecendo. Talvez um portal tenha sido aberto, jogando-a de volta à vida passada. O que povoa agora seu cérebro, são as lembranças e preocupações dos afazeres, afinal, amanhã será domingo, dia de piquenique... terá que preparar o lanche, assar bolachas, o bolo de milho, a rosca... Não há lembranças da vida que ficou perdida no futuro, da escola, dos alunos, do salário, dos problemas que assolam o país, do apagão. Tudo se apagou. Talvez volte um dia, quando estiver passando pela estrada, mas aí, talvez seja tarde demais, muito tarde.



Vestígio de conflito

Havia um conflito interno, um conflito político-partidário, e ali estava eu; parecia fazer parte da facção contrária, algo como uma guerrilha. Via-me sobre um prédio em ruínas, armada de metralhadora em punho e vestia um fardamento verde escuro.

48

Era fim de tarde, o sol já estava bocejando, avisando-nos que o dia terminava. Havia outras pessoas que também vestiam o mesmo tipo de fardamento. Alguns pareciam fora de controle, metralhavam, sem parar, para o lado oposto ao nosso, onde víamos outro prédio. Não sabiam o que faziam... se acertavam alguém. Aparentemente não havia nada vivo do outro lado. De repente, alguém gritou desesperado para que saíssemos dali. Fui empurrada para uma corda e agarrei-me a ela. Comecei a descer rapidamente pela corda; vi janelas destruídas e portas semiabertas a cada andar do prédio que descia. Então, talvez precipitadamente, pulei para uma das janelas e entrei, largando a corda e penetrando silenciosamente naquela escuridão. Parecia um quarto. Esperei um pouco



para que meus olhos se acostumassem à escuridão do lugar, depois tentei movimentar-me lentamente para não esbarrar em nada. Havia um móvel à direita da janela, parecendo um roupeiro. Abri-o cuidadosamente, e fui imediatamente empurrada por um pequeno vulto que saiu correndo enlouquecidamente. Assustada, gritei que esperasse, e vi que o vulto retornou, agora mais calmo. Era um menino moreno de aproximadamente doze anos de idade, vestia uma camiseta escura e uma bermuda clara (não consegui perceber as cores, nem a nitidez de seu rosto, pois a penumbra do lugar não permitia). Voltou, mas não para conversar comigo, e, sim, para pegar um papel que caíra de sua mão. Fui mais rápida e apanhei do chão uma folha de caderno amarrotada em forma de buchinha; abri-a, não havia nada de comprometedor, apenas inúmeros “jogos da velha” escritos com caneta preta e riscados. O garoto, ansioso, pediu-me o papel sem dizer nenhuma palavra, apenas fez um gesto com a mão direita, estendendo-a em minha direção. Entreguei a folha e, ainda sem falar, o garoto sumiu correndo pela escuridão da casa. Fui seguindo pela mesma porta. A cada passo, sentia-me cada vez mais amedrontada pela escuridão que aumentava, pois a única luz que havia vinha da janela do quarto. Andei lentamente, a metralhadora a tiracolo. Via-me agora num corredor, e nele algumas portas que davam para quartos ou salas. Entrei num deles, era uma sala; havia outra janela, e dela vinha ainda uma luz suave de início de noite. O lugar estava sujo, pedaços



de móveis e vidros no chão. Havia uma pequena mesa redonda ao centro, sobre ela uma toalha, um castiçal com duas velas acesas e um vaso de flores novas; próximo à janela, um armário escuro. Ouvi passos, corri para trás do armário e fiquei espiando por entre as frestas do móvel. Eram duas mulheres que se aproximavam. Uma delas trazia uma bandeja com minúsculos sanduíches abertos, pastéis, uma tigela de patê e duas xícaras de chá. A outra se vestia com apuro, como se fosse a alguma festa: um vestido azul claro de seda e um chapéu da mesma cor. Essa última sentou-se à mesa e aguardou que a outra a servisse de chá e saísse. Quando se viu sozinha, começou a falar como se soubesse que eu estava ali. Disse que era melhor alimentar-me, pois depois tinha graves problemas a enfrentar. Disse-me também que sabia que eu estava ali, que era o meu contato dentro da casa e que viu quando o pessoal da resistência começou a evacuar o prédio. Nesse momento, saí de trás do armário e sentei-me à mesa; então, ela serviu-me de chá. Eu estava faminta, e devorei rapidamente alguns pastéis e sanduíches, não antes de lambuzá-los de patê.

Depois de saciar a minha fome, esperei que minha anfitriã trocasse o lindo vestido pela farda que estava sobre uma poltrona vermelha ao lado da mesa. Tirou o chapéu e prendeu o cabelo como o meu para colocar o quepe. Vestida assim, mais parecia um garoto do que a mulher de trinta anos que encontrei à mesa. Em seguida, mostrou-me uma pasta verde com alguns mapas que pareciam ser



do território inimigo. Saímos pela mesma porta que entrei e seguimos pelo corredor, agora completamente escuro. A noite chegara enquanto conversávamos durante o chá e agora parecia quase impossível movimentarmo-nos sem esbarrarmos nos objetos que estavam no caminho. Seguimos até uma janela no fim do corredor, lá havia uma corda que estava pronta para deixar-nos fora do prédio, e duas pequenas lanternas. Olhei pela janela.. estávamos aproximadamente a uns oito andares do chão. Liguei uma das lanternas e iluminei para baixo. Aparentemente, nada havia lá que pudesse nos amedrontar, apenas a descida parecia difícil. A essa altura, estávamos mudas, talvez pelo medo do que nos esperava lá embaixo. Comecei a descer primeiro, fui descendo lentamente agarrada à corda, fazia muita força. Num dos pulsos amarrara a lanterna para que pudesse visualizar o caminho íngreme da descida. Quando me vi a salvo, com o pé no chão, direcionei a luminosidade da lanterna até a janela de onde partira a fim de avisar a minha camarada de que era sua vez de descer. Mas, para minha surpresa, nada vi além de completa escuridão. Senti-me muito mal, tive uma vertigem. Dúvidas apossaram-se de mim. Será que era emboscada? Se o fosse, então o que eu comera poderia ser veneno. Não fiquei nem mais um minuto ali, corri até o arbusto próximo e escondi-me; sentei no chão para não cair, estava assustadíssima. Talvez os inimigos a tivessem encontrado antes que pudesse descer? Sucessivas perguntas sem respostas apoderavam-se de



meu cérebro; meu coração pulava, eu suava e tremia. Nesse momento, ouvi algo que pareciam trovões: eram rajadas de metralhadoras; vi vultos correndo na escuridão e o céu se iluminando em pontos isolados pelos fogos de artilharia. Levantei-me, ajustei a metralhadora em minhas mãos e corri em disparada. Nos segundos que se passaram, nada percebi... Lembro que acordei em meu quarto com o telefone tocando repetidas vezes.



A Professora

Nunca fui um bom observador, nem reparava muito nas pessoas. Cheguei a conviver de dez a quinze anos com alguns companheiros de serviço, mas se alguém me perguntasse se fulano era gordo ou se usava óculos, eu era bem capaz de dizer que não lembrava, na verdade não sabia mesmo, de tão desatento com as pessoas. Mas de uns tempos para cá, e isso depois de me aposentar, dei de ficar observando as pessoas passando na frente da minha casa. É que agora levanto cedo e, ao invés de correr para o trabalho, sento na área da frente de casa com meu chimarrão e fico vendo os outros passarem apressados para o serviço, a maioria a pé, e esse novo ofício me diverte.

Esses dias reparei que já conheço todo pessoal da rua, só pelo tempo que paro na frente de casa, tomando meu chimarrão. Todos com tamanha pressa, indo em direção à parada de ônibus, que fica a uns quatrocentos metros daqui da minha área. Todos apressados, mas nenhum como aquela professora. Ela parece estar



sempre atrasada. Passa quase correndo, continuamente tropeçando naquelas pedras mal colocadas da rua; usa sempre um sapato de salto alto, um traje básico de saia e casaco, ininterruptamente atulhada de livros e cadernos. Às vezes, carrega também uma sacola de supermercado com material da escola: cartolina e jornal sempre à mostra, na sacola cheia. Sem falar na bolsa preta de couro que combina com o sapato. Ela tem o cabelo quase curto e liso que fica balançando a cada passo e tropeço na rua de pedregulhos. Passa e nem olha para os lados, não cumprimenta os vizinhos, sempre olhando para frente com olhar irritadiço.

Toda manhã a mesma corrida... se perder o escolar, só depois de meia hora vem o próximo ônibus. Fico cansado só de vê-la quase correndo, com aqueles sapatos que não combinam com a rua. Parecem os mesmos, mas já deve ter trocado o salto, ou compra o mesmo modelo consecutivamente, pois eles não seriam sempre tão resistentes à maratona diária.

Num dia desses, vinha ela, apressada, lá no início da rua. Olhei no relógio e verifiquei que estava três minutos atrasada. Ela sabia disso, porque começou a correr. Coitada, cheia de livros, e de novo aquela sacola de papelada pesada. Passou pela frente da minha casa quase voando; não sei como conseguia com aqueles sapatos. Foi aí que tropeçou numa daquelas irritantes pedras do caminho e caiu. Foi uma queda tragicômica: tombou de joelhos, mãos no chão; sacola, livros, papéis,



bolsa, tudo no meio da rua. Pulei da minha cadeira e larguei o chimarrão. Tinha levado um grande susto. Mas ela... nem um ai... nada... Levantou rapidamente, olhou o joelho ferido sangrando, a meia-calça rasgada... esfregou as mãos uma na outra para limpar o cascalho e a poeira da estrada, depois juntou tudo calmamente. Nisso, o ônibus escolar passou. Ela permanecia sem uma lágrima, sem sinal de constrangimento, apenas tinha o rosto contraído, sério. O joelho direito sangrava bastante. Fez meia volta, e, mancando, voltou para casa.

Por dois dias, não vi a professora. Depois, acho que quinta ou sexta-feira, ela passou, levando apenas um livro, sem sacola, nem bolsa. Olhei bem: vestia calça jeans azul e camiseta branca, calçava um tênis preto, e o cabelo estava amarrado para trás. Andava calmamente – era cedo ainda para o escolar passar. Notei que mancava da perna direita. Ela percebeu que eu estava olhando e disse (pela primeira vez em sete ou oito meses) um “*bom-dia*” alegre e jovial.



A rotina e o tempo

É, parece até muito simples, mas não é: o dia a dia e a rotina destroem até mesmo o melhor e mais poético dos romances. Aquele acordar, durante a semana, parece estranho, mas todos os dias são estranhamente iguais... a correria do trabalho, um engolir, sem mastigar, aquele almoço rápido, que mesmo sendo leve, pesa no estômago irritado e contrariado. O difícil mesmo são os finais de tarde e os finais de semana: sem assunto, muitos afazeres, sem convicção, e a estranha separação... Um estranhamento mudo, aquela incógnita... “Quem é você agora, e quem sou eu agora?”... Não me reconheço, e nem lhe conheço mais, a rotina nos mudou. E aqueles sonhos infantis... as promessas juvenis? Aqueles planos em conjunto não existem mais... se perderam no tempo, que é feito de segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e anos, e anos, e anos... E, assim, certa manhã olho pelo espelho, não mais meu reflexo, mas uma estrada longínqua feita de datas vazias que se foram e não mais voltarão. E em meio a divagações e desilusões típicas



da meia idade, percebo que me perdi em uma dessas esquinas sem nome e sem lógica. Um vazio me invade mais... e mais... e mais... E percebo que o tempo passou... e passou... e passou...



Crescer dói

Sim, crescer dói! Isso é uma constatação inegável.

Quando nasci chorei, mas a dor de nascer não me trouxe recordações futuras, não me lembro desse fato. A dor de que me lembro, foi a dor de crescer... Ainda criancinha, com quatro ou cinco anos, a primeira noite na casa da madrinha, a primeira vez longe da mãe. E a dor da insegurança no primeiro dia de aula.

Ah, sim... crescer dói, e muito. Também lembro-me de uma dor infantil, mas inesquecível, quando um marimbondo me picou o dedo mindinho. Eu estava ajudando meu pai a cortar as folhas da bananeira; já me sentia útil, crescida, mas quando o bichinho me picou, voltei a ser bebê... chorei... chorei.

Em outra ocasião, tinha oito anos, sofri quando o primeiro amor platônico foi embora da cidade.

E fui crescendo – a dor não nos impede de crescer. A adolescência chegou, e com ela as dores físicas e emocionais, talvez mais físicas... o corpo mudando... as



primeiras cólicas... as mudanças súbitas de humor – que até então eram desconhecidas – mas passei no estágio para a fase adulta. Formatura, emoções, amores, separações... o primeiro emprego. Nessa fase, descobri que os amigos não são para sempre, que os empregos, por mais que esperemos, também são provisórios; e novamente me via recomeçar: novos amores... novos empregos... novas amizades...

Dores... dores. Sim, crescer dói. E veio a gravidez, as inseguranças, o fantasma do medo. Mas tudo correu bem depois da pré-eclâmpsia e um parto prematuro de 27 semanas e meia. Meu filho nasceu pequenino, mas saudável, mesmo tendo que permanecer 72 dias no hospital. Esse período foi o mais longo de espera, esperança e lágrimas incontidas. Só que o tempo e o medo passaram, e voltei para casa feliz, com meu filho nos braços. Não senti a dor do parto, mas quem tem coragem de negar que a cesariana dói no primeiro dia... no segundo... na segunda semana... e, às vezes, até no primeiro mês depois do parto.

É verdade, crescer dói. Mas não sentimos apenas dores, crescer também nos traz maturidade, serenidade, múltiplas alegrias.

E o tempo não parou... continuou atropelando-me, sorvendo-me os dias... e a dor da perda do meu pai trouxe-me as saudades da infância perdida, dos momentos felizes. A dor da perda trouxe-me a vontade desesperadora de voltar no tempo, de buscar o que nunca mais será possível:



um abraço, uma palavra, uma voz longínqua que ecoa pela casa, uma risada sonora inesquecível.

É, crescer dói. Mas precisamos crescer e aprender com as perdas e ganhos, como diz Lya Luft, em seu livro que traz esse título. Crescer dói, mas precisamos ter coragem e perseverança para continuar a caminhada que nos foi presenteada por Deus: a vida.



Pesadelo

Amanheceu um dia cinza e frio. Não era de modo algum um dia para banhos de mar ou de rio, mas as crianças pulavam e gritavam pedindo para irem à lagoa.

Organizaram-se todos para um piquenique e fomos. As crianças de charrete, uma charrete pequena, branca e baixa, levada por um pônei forte, de pernas grossas e musculosas. Eu estava com elas na pequena charrete. Passamos por um portão alto, com grades de ferro antigo. O lugar era um tipo de parque, embora uma névoa úmida dava ao lugar um ar de mistério. De repente, as crianças saíram correndo para trocar de roupa e nadar na lagoa. Mas que lagoa? Havia apenas um pequeno pântano. A lagoa estava seca.

Enquanto eu observava o lugar, o pônei disparou comigo na charrete, passamos pela casa, que mais parecia um museu antigo, de madeiras nobres e rústicas, passamos por um galpão onde se avistava um fogão à lenha. O pônei seguiu enlouquecido em meio a alguns arbustos. Segurei com força as rédeas, mas pouco adiantou, machuquei a



perna em uma das cordas, consegui um vergão vermelho na altura do joelho. O animal parou de repente. Lá estavam as crianças correndo, divertindo-se naquele lodo escuro.

Desci da charrete e fui até o galpão. As mulheres, eram três, já estavam lá organizando o almoço. Uma delas ocupava-se com a lenha do fogão. A conversa estava animada. Somente eu estava irritada, com o joelho ardendo e me perguntando que banho de lagoa afinal era aquele, sem lagoa.

Uma das mulheres me chamou e disse:

– Não vai tomar banho, então vá lá dentro e sacuda as camas.

62

– Sacudir as camas? São colchões de palha, pesados, antigos, mofados, por certo haverá dezenas de aranhas.

Fui resmungando, indignada, mas fui. Entrei na casa principal, escura e fria. Em um dos quartos havia um roupeiro muito velho. Em frente havia um pequeno sofá com alguns travesseiros de vários tamanhos e uma cama. Abri uma das portas do roupeiro. Nas primeiras prateleiras avistei alguns tip-tops azuis, de tonalidades diversas, fofinhos e cheirosos, apesar do lugar ser tão antigo. Enquanto mexia nas pequenas roupinhas, uma criança me chamou. Era um garotinho de aproximadamente quatro ou cinco anos. Começou a mexer nos travesseiros que estava sobre o sofá e pegou um pequeno, sem fronha. Pediu-me que colocasse a fronha. Olhei para o roupeiro, na terceira prateleira havia fronhas dobradas, peguei



uma e ajudei-o a encapar o travesseiro, ele não gostou, a fronha era grande. Peguei outra, aquela sim era realmente daquele travesseiro.

Depois ele apontou para a prateleira. Ao lado das fronhas havia duas urnas. Assustei-me, uma delas era de madeira antiga, quadrada e tinha como tampa apenas um encaixe de madeira do mesmo tamanho. A outra era bem mais bonita, era toda delicada, a madeira era decorada e oval, também a tampa era só encaixada, fácil de tirá-la.

Não gostei do que vi, pareceu-me que estava mexendo em algo sagrado, particular.

A criança pediu para que eu as abrisse, eu não quis, ela insistiu, abri rapidamente uma e depois a outra. Já supunha o que havia nas pequenas caixas, eram cinzas, cinzas humanas. Fiquei muito agitada, queria sair dali. A criança, não, pelo contrário, queria brincar comigo de jogar travesseiros para o alto, estava muito barulhenta e me puxava para brincar. Eu me desvencilhei dela e saí correndo para o galpão onde estavam as mulheres. Elas riam animadas, eu ao contrário tremia e suava frio. Elas ao me avistarem correndo pararam de rir e perguntaram o que acontecera. A criança viera correndo atrás de mim, agora trazia uma vassoura nas mãos. Eu perguntei a elas quem era aquele menino. E aquela que ainda estava tentando acender o fogão perguntou:

– Que menino???



Nesse momento fiquei gelada de pavor. Ele ria alegremente e quando ia bater-me com a vassoura, eu acordei gritando. Gritos que de fato eram apenas gemidos abafados pelas cobertas.



Pôr do sol inesquecível

Lembro-me: há alguns anos atrás, fomos a Torres passear na casa de meus tios maternos. Chegamos lá bem cedo, sete e meia, com o intuito de aproveitarmos o dia de sol, naquele início de primavera. Minha tia foi preparando o café e o lanche para levar, pois os homens (meu pai e meu tio) resolveram levar-nos a passeio à Laguna. Naquela época, a estrada era péssima, quase não havia acostamento e a faixa era simples, com muito movimento de caminhões e ônibus. A viagem seria lenta. Partimos então logo depois do café. Eram dois carros: em um, meu pai, minha mãe, eu que na época tinha uns nove anos, minha irmã de dez, e meu irmão de cinco; no outro carro, iam minha tia, meu tio, as minhas duas primas, de doze e cinco anos, e uma vizinha. Éramos crianças, tudo era aventura.

Paramos para almoçar próximo a um posto de gasolina. O almoço era um piquenique que continha arroz, pão de forno, farofa de frango e suco. Lanchamos ali, na beira da estrada; uns sentados nos bancos dos carros, outros em uma mesinha de armar, com uns banquinhos que meu tio levava. Era uma felicidade só. Lembro-me, com saudade, que foi um dos almoços mais agradáveis da minha infância remota.



Após o almoço, seguimos viagem. Claro que na época viajavamos a 70 e 80 km/h. Nem a estrada, nem a potência dos carros da época permitiam grandes velocidades. Chegamos em Laguna por volta de duas da tarde. Visitamos a igreja e lugares históricos que, a respeito deles, os adultos faziam explanações. Mas para uma garota de nove anos, o que mais interessava era a brincadeira de correr com as outras crianças. Vimos uma enorme aranha entre as pedras antigas, perto de uma vertente de água mineral. Que susto, fizemos uma algazarra enquanto um dos adultos matava a aranha “gigante”. Ainda hoje guardo as fotos dos lugares em que visitamos, tiradas em uma pequena Kodak – pena que ninguém fotografou a aranha.

66

Chegou a hora de voltarmos, e lembro que tomamos sorvete e brincamos em uma praça antes de partir. Na viagem de volta, meu tio sentiu que o pneu do seu carro estava furado. Paramos para ajudar no quase inexistente acostamento. Meu pai, que era mecânico e não viajava sem levar uma oficina portátil, caixa de ferramentas e macaco, foi logo trocando o pneu que para ele era uma diversão. Mas o tempo foi passando... Alguns dormiam nos carros. Eu que acordara com a agitação das conversas, assisti ao lindo pôr do sol, onde faixas vermelhas e amarelas riscavam o céu primaveril. Hoje relembro aquela inesquecível tarde, acredito que, se não fosse pelo pneu furado, talvez não tivesse vislumbrado aquele belíssimo espetáculo da natureza.



Noite Fria

Era inverno, um frio gelado, eu estava internada no Hospital da Criança Santo Antônio, na Santa Casa, em Porto Alegre, fora para fazer uma bateria de exames. Minha mãe estava preocupada, pois eu tinha febre alta e tosse. E naquela época, o médico suspeitava de tuberculose.

67

Eu, uma menininha frágil, magrinha, de dez anos, ficara muito triste por ter que faltar aulas e ficar no hospital oito dias sem a minha mãe, ela só poderia entrar nas horas de visitas. Na primeira noite um pânico me invadiu, tremia muito, não sei se de frio ou medo, um forte cheiro de álcool, luzes do quarto apagadas, apenas as luzes dos corredores longínquos, barulhos de portas batendo, sons de aparelhos e passos pelos corredores. No mesmo quarto um menino morria... Médicos, enfermeiros, tumulto, conversas abafadas, barulho de cortinas se fechando, luzes se acendendo novamente. A maca rolando e rangendo porta a fora pelos corredores. De repente, o silêncio, frio congelante e o som do meu



próprio choro convulsivo. A solidão pela primeira vez. Talvez a noite mais longa da minha vida. Não havia nenhum relógio ali, mas sentia o tique-taque pulsando do meu coração, e depois veio a tosse, a tosse rouca e dolorida, um gosto de sangue na boca. Uma enfermeira de branco, parecendo um anjo, aplicou-me uma injeção e logo veio o sono pesado, um sono sem sonhos.



O Doutor

Ele tinha trinta e cinco anos, era médico, ia todos os dias à oficina mecânica de meu pai, às vezes, era para consertar um dos carros da família, outras apenas para jogar conversa fora. Era silencioso, naturalmente tímido, mas naquele ambiente sentia-se bem e falava. Meu pai todas as noites, chegava em casa com uma história nova do amigo médico, fatos do consultório ou comentários de um artigo novo sobre males do estômago, especialidade do doutor. Eu, garota de dezessete anos, na época, mentalmente, ia compondo o personagem e já o admirava, embora não o conhecesse pessoalmente.

69

Uma tarde, então, resolvi conhecê-lo, fui até a oficina mecânica e lá estava ele. Não era aquilo que tinha imaginado, era magro, tinha as pernas muito finas, era excessivamente calvo para sua idade, o rosto, fino e ossudo, exibia um ar doentio. Quando meu pai me viu chegando me chamou para conhecer o doutor, fiquei vermelha, ele estendeu a mão solenemente e apertou a minha, eu tremia. O olhar que lançou me fez esquecer a decepção que tive ao vê-lo, era



um olhar forte, verdadeiro, íntegro. Poderia ficar olhando para ele toda a vida sem cansar. Fiquei mais de duas horas ouvindo a conversa deles, sentada num banco, fingindo ler um velho jornal. Entendi a amizade que meu pai tinha por ele. Dono de uma admirável inteligência, discutia qualquer assunto, mesmo fora de sua especialidade, sabia discordar de uma opinião com tal diplomacia, que fazia com que seu opositor respeitasse e, muitas vezes, até o aplaudisse.

Naquela noite, como em muitas outras, meu pai chegou falando sobre o serviço, em todas as histórias lá estava o doutor: era o carro do doutor que tinha tal problema, era o pai do doutor que tinha passado dez dias caçando, era o irmão do doutor que trocara de moto, sempre o doutor. Nada do que se falava lá em casa era dito sem a presença marcante daquele médico. Eu ria, às vezes, fazia alguma piadinha, se minha mãe ia tomar um chá, eu logo perguntava ao meu pai se o doutor não tinha dito nada depreciativo sobre o tal chá. Mas, intimamente, gostava de ouvir falar nele, e quando meu pai chegava, eu já sentava à mesa para ouvir as novidades da vida do doutor.

Fiquei sabendo seu endereço. Sua casa era a duas quadras da minha. Arranjei uma amiga e todos os dias, duas ou três vezes, passava em frente à casa dele. Já sabia a hora que ele chegava, final de tarde era uma festa em meu coração, mil sensações, sonhos de adolescente. Aí, meu pai chegou um dia em casa com a notícia de que o doutor tinha viajado, fora fazer um curso de alguns meses na fronteira do estado. Tão longe! Fiquei desolada,



nem saía mais de casa, só mesmo para ir à escola. Nessa época, todas as minhas amigas tinham namorados, eu ficava sobrando, triste. Minha tia começou a levar um amigo para jogar cartas lá em casa, todos os domingos. Acabei namorando aquele rapaz.

Meses depois, o doutor voltou. Era domingo à tarde, eu estava na sala com meu namorado. Na porta aberta ele apareceu, quieto, sorrindo. Muito surpresa, tremendo, fui atendê-lo, apertei-lhe a mão e senti que estava úmida, mas talvez fosse a minha a transpirar, não sei. Chamei meu pai que veio abraçá-lo muito feliz por revê-lo. Não fiquei muito tempo na sala ouvindo a conversa, saí levando meu namorado. Aquela noite lembro que voltei tarde, temia encontrá-lo novamente ali.

Dois dias depois, passei na frente da casa dele, eram seis horas da tarde, ele arrumava o jardim, de camiseta e bermuda, seus braços e pernas pareciam ainda mais finos. Ele me cumprimentou e sorriu, ficou alguns segundos me olhando com aquele olhar que acelerava meu coração e voltou a lidar no jardim. Eu, tonta, corri para casa de uma amiga, se fosse para minha casa, encontraria meu namorado, possessivo e ciumento, ou meu pai com algum assunto que incluía o doutor.

Fiquei um tempo sem vê-lo, o que poderia ter sido duas ou três semanas, mas parecia um longo tempo. Ele tinha voltado àquela cidade na fronteira para concluir o tal curso de especialização. Nessa época comecei a sentir



dores no estômago, mas segui namorando, ia ao cinema, a jantares, almoços e festas familiares. No entanto, aquele rosto magro, de olhar penetrante, aparecia em meus sonhos e devaneios. Meu pai deixara de falar tanto no doutor, só voltava a falar nele, quando ouvia minhas queixas de dores incômodas no estômago. Eu não queria nem ouvir falar em médico, mas precisei recorrer a um, devido às dores que tornaram constantes. Fiz uma endoscopia e o médico constatou que se tratava de um tipo de gastrite nervosa. Magra, fraca e abatida, deixei-me ficar aos cuidados da família. Do quarto, ouvia pouco o que se falava na sala ou na cozinha. Uma certa noite, porém, acordei com o som de uma conversa no corredor perto do quarto. Meu pai falava sobre o doutor, que ele iria definitivamente morar na fronteira do estado, porque abrisse lá um consultório e estava noivo de uma garota daquela cidade. Ao ouvir aquelas palavras, senti uma tontura, meu estômago ardia, o mal-estar era intenso. Lembro que chamei minha mãe, pedi socorro, mas não tinha vontade de chorar, só sentia dor, uma dor física muito forte. Foram meses de tratamento e dieta. Nessa época, briguei com meu namorado e o deixei. Lembro que me senti aliviada por isso.

Hoje, depois de vinte e poucos anos, ainda lembro daquele médico, muito magro, nada bonito, mas de um olhar marcante e único. Ah! E quanto a minha gastrite? Às vezes ainda sinto uma dorzinha marcante e única.



Incoerente

Olharam-se ternamente, durante muito tempo, não disseram nada. Não tinham nada para dizer. Os olhares diziam por si o que as palavras jamais confirmariam. Era uma triste verdade, o amor de uma maneira cega os havia ludibriado, e estavam apaixonados, porém nunca admitiram tal loucura, era incoerente...

73

Haviam se conhecido no ambiente de trabalho, um supermercado. Ela, uma garota comum, que com o uniforme da firma parecia ainda mais comum, semelhante a outras oitenta e quatro funcionárias da filial. Tinha uma pele bronzeada, olhos e cabelos castanhos... cabelos que alcançavam os ombros e possuíam certa ondulação que negava um liso estático. Tinha uns vinte e poucos anos. Ele, um funcionário brilhante, vivia em destaque, conhecido por toda a rede de supermercados como um excelente gerente que colocava maravilhosas ideias de propaganda e consumismo em prática. Possuía um temperamento alegre, brincalhão e fazia-se amigo de todos de forma espontânea e humorística. Tinha trinta anos, era



alto e magro, com porte sofisticado, mantinha sempre os cabelos bem cortados e vestia-se elegantemente. Era incrível que, com esse charme e espontaneidade, aparecia sempre desacompanhado nas festas promocionais da empresa. Os funcionários faziam comentários maldosos. Muitas vezes, fora visto em boates distantes acompanhado de belos homens, elegantes e como ele bem sucedidos financeiramente.

Durante os dias de trabalho, dispunha-se a treinar os funcionários recém admitidos, foi assim que ambos (ele e ela) ficaram bons amigos, entre uma explicação e outra, conversavam sobre variados assuntos. Também na hora do lanche, ele a acompanhava por apreciar estar com ela, se quisesse seria servido em seu escritório, mas não, descia as escadas, entrava na fila do lanche e sentava-se à mesma mesa que a amiga para conversarem sobre banalidades alegres.

Viam-se tão frequentemente que no decorrer de oito meses eram inseparáveis, iam ao cinema, ao teatro, ao shopping, sempre como ótimos amigos. Ela contou-lhe suas decepções amorosas, falou-lhe sobre suas grandes paixões, sobre as paqueras e namoricos dos finais de semana. Ele, por sua vez, falava-lhe sobre seus sonhos profissionais, sobre o curso de Direito que iniciara no verão anterior, mas nunca tocava em assuntos amorosos, talvez por receio de que ela condenasse seus romances, temia perder a amiga. Sentia necessidade de estar com ela, de ouvi-la, de dizer-lhe tolices que a fizesse sorrir.



Em um dos tantos finais de tarde que se encontravam no shopping, sentaram-se numa sorveteria e pediram sorvetes. Embora a situação e o lugar parecessem os mesmos de tantas vezes, estavam silenciosos, estranhos, apenas olhavam-se, não tinham assunto. Ele ficou bastante nervoso com a situação, queria dizer alguma palavra banal, algum comentário habitual, mas nada lhe vinha em mente. Ambos sabiam o que tinha acontecido, contudo, nunca admitiriam aquele destino tragicômico. Tomaram os sorvetes e despediram-se magoados.

Na segunda-feira, quando ele apareceu no supermercado não a encontrou. Dois dias depois, recebeu a carta de demissão dela, das mãos de uma funcionária antiga da firma. Antes de ir para a filial distante deixou os papéis da rescisão de contrato e um cheque nominal com a mesma antiga funcionária, para que essa o entregasse àquela que um dia fora muito importante para ele.

Nunca mais se viram e a vida transcorreu normal para ambos. Embora houvesse um impedimento confuso para que fossem de fato felizes.



Pedaços de Vida

Estava ali sentado quase adormecido. Aquela dormência nos olhos que fazia com que as pálpebras caíssem sem o comando da mente, impulsivas e aéreas. Ninguém poderia dizer que aquele homem cansado, com olheiras profundas e a pele quase transparente, parecendo um véu finíssimo sobre os olhos, era o mesmo da foto.

Viera naquela mesma tarde e esperara muito tempo para ser entrevistado pelos novos empregadores. Havia muitos outros quando ele chegara, todos com a mesma esperança de conseguirem o emprego. Às cinco da tarde (quase quatro horas de espera) chegou a sua vez. Sentou-se na cadeira a minha frente. Eu não era diferente dele, também eu lutava para permanecer naquele emprego, não que fosse bom ou rentável, mas era um emprego, e isso bastava em meio à multidão de desempregados lá fora.

Meu serviço ali era quase que automático, depois de tantas horas digitando os dados cadastrais de cada pessoa que passava por aquela cadeira, onde agora ele parecia inerte em um sono de olhos abertos. Fui logo pedindo



carteira de identidade, título, fotos, carteira profissional, etc... Números, números, números, dez algarismos, onze algarismos... etc. A foto na carteira profissional muito me impressionou: aqueles cabelos castanhos, olhos verdes e penetrantes, o rosto que parecia mais redondo. Não era... Não poderia ser a mesma pessoa, um belo jovem, de fato, naquela fotografia olhando para mim. Copiei a data de nascimento (16/04/66), 25 anos de idade apenas, a foto fora tirada quando ele tinha 19 anos, porém, eu não encontrava nada naquele homem ali em minha frente de semelhante com a aparência jovial daquela foto. Era estranho, incomum, uma pessoa envelhecer e emagrecer tanto em seis anos. O homem na minha frente era um ano mais velho que eu, mas aparentava ter, no mínimo, uns trinta e oito anos.

Ele se remexeu na cadeira e perguntou o que eu havia dito. “– A sua certidão de casamento, por favor.”
– disse-lhe eu.

Ao entregar o documento, notei que suas mãos machucadas e calosas tremiam. Não um tremor de medo, mas de um frio fora de época, aquele frio que os anêmicos possuem.

A certidão de casamento datava de 1986, copiei o nome do cônjuge... Leonora Rocha e a filiação da mesma. Então larguei a certidão e comecei a folhear a carteira de Trabalho e Previdência Social, lenta e atentamente. Os contratos de trabalho sucediam-se numerosamente,



neles nomes de firmas, de empregadores. Detinha-me nos cargos que o Sr. Luciano Duarte da Rocha havia tido: serviços gerais, servente, vigia, lavador, ajudante de caminhão, pintor, auxiliar, motorista...

Um bom observador poderia ver retratada naqueles contratos de trabalho, toda a vida profissional daquele homem e entenderia, sem qualquer explicação, a razão daquelas rugas, olheiras e tísica precoces.

Em todos aqueles empregos eram mal remunerados.

Olhei as certidões de nascimento dos três filhos. Três filhos? Como um homem ganhando tão pouco no decorrer de uma curta, mas trabalhosa vida, conseguia sustentar a si e a quatro pessoas?

Perguntei se a mulher trabalhava. Ele me olhou desconfiado, pois isso “não vinha ao caso”, mas conformado disse-me que não.

Disse-lhe que passasse na próxima semana para ver se fora um dos selecionados para o cargo disponível na firma, cargo de auxiliar de serviços gerais, era o único cargo disponível no momento. Como auxiliar a pessoa ajudaria a carregar e descarregar caminhões e outros serviços pesados pela quantia mensal de um salário mínimo e meio.

Ele guardou os documentos, levantou-se vagarosamente e despediu-se com um aperto de mão leve e raquítico e saiu. A sua fisionomia era triste e fez com que eu quase



chorasse de pena. Eu havia falado com muitas pessoas naquela tarde, mas ele era diferente, parecia um irmão, uma pessoa da família. Eu nunca o havia visto, no entanto, ele não me era estranho. Tive a impressão de ver refletido em seus olhos uma força enorme, uma força interior que o fazia continuar, uma coragem que o fazia lutar. Tive inveja daquela força e pena daquele corpo cansado que a escondia. Talvez a impressão de já o conhecer estivesse, justamente nisso, no fato de ele parecer forte, mas tão igual aos outros que vivem uma vida inteira de sacrifícios.

Não foi escolhido para o emprego e nunca mais o vi. Guardei os dados cadastrais dele junto a um fichário enorme. Aquela pequena e insignificante ficha perdeu-se em meio a relatórios de vidas tão estranhas e tristemente semelhantes.





35 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

 (51) 98535 3970 / 3268 7803

 /EditAlcance



rossyr@editoraalcance.com.br



www.editoraalcance.com.br



Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540